

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Roberta Triaca

No labirinto das vozes mortas:
considerações sobre a Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg

Porto Alegre
2015

Roberta Triaca

No labirinto das vozes mortas:

considerações sobre a Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg

Monografia desenvolvida como requisito para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso e apresentada para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Me. Marlise Giovanaz

Porto Alegre

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof.^a Dr.^a Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Chefe substituto: Prof. Dr. Valdir José Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa

Coordenador substituto: Prof. Dr. Jackson da Silva Medeiros

CIP - Catalogação na Publicação

Triaca, Roberta

No labirinto das vozes mortas: considerações sobre
a Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg /
Roberta Triaca. -- 2015.

56 f.

Orientadora: Marlise Giovanaz .

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Classificação do conhecimento. 2. Sistema de
classificação. 3. Aby Warburg. 4. Biblioteca. I.
Giovanaz , Marlise , orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - FABICO

Rua Ramiro Barcelos, 2705 - Bairro Santana - Porto Alegre/RS

CEP 90035-000

Roberta Triaca

No labirinto das vozes mortas:

considerações sobre a Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg

Monografia desenvolvida como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso e apresentada para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: _____

Comissão Examinadora:

Prof. Me. Marlise Giovanaz (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Prof. Dra. Lizete Dias de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Hans Ulrich Kaup
Bibliotecário

Para Valeria, minha avó.

RESUMO

O trabalho discute questões relacionadas à classificação do conhecimento no âmbito das Ciências da Informação, mais especificamente ao particular sistema de organização empregado na Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg (Biblioteca Warburg para as Ciências da Cultura), baseado na subjetividade e na memória de Aby Warburg como matéria organizada. Observa a relação entre a arquitetura do prédio da biblioteca e seu acervo e constata como o legado da obra de Warburg se mantém vivo e amplamente difundido na contemporaneidade.

Palavras-chave: Classificação do Conhecimento. Sistema de Classificação. Aby Warburg. Biblioteca.

ZUSAMMENFASSUNG

In dieser Abschlussarbeit diskutiert man Fragen über Wissensklassifikation in Bezug auf die Informationswissenschaft insbesondere das eigene Organisationssystem, das auf der Subjektivität und dem Gedächtnis von Aby Warburg als organisiertes Material basierende System in der Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg verwendet wird. Man beobachtet die Beziehung zwischen der Architektur des Bibliotheksgebäudes und ihren Sammlungskatalog und man stellt fest, dass das Erbe Warburgs lebendig bleibt und breit in der Zeitgenossenschaft sich verbreitet.

Schlüsselwörter: Wissensklassifikation. Klassifikationssystem. Aby Warburg. Bibliothek.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Exemplo de disposição das obras relacionadas à história da medicina na KBW.....	32
Figura 2 - Exemplo de disposição das obras relacionadas à adivinhação na KBW.....	33
Figura 3 - Exemplo de disposição das obras relacionadas à iconografia na KBW.....	33
Figura 4 - Fachada da KBW na Heilwigstrasse, 116.....	35
Figura 5 - Corte e plano da KBW.....	37
Figura 6 - Plano atual da KBW em Londres.....	44

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Princípios das classificações filosóficas dos saberes.....	16
Quadro 2 - Divisão das ciências nas classificações filosóficas dos saberes.....	19
Quadro 3 - Princípios das classificações bibliográficas clássicas.....	22
Quadro 4 - Classes principais dos esquemas gerais de classificação bibliográfica.....	24
Quadro 5 - Representação de uma das estantes da KBW.....	38
Quadro 6 - Representação de uma das estantes da KBW.....	39
Quadro 7 - Divisão das seções nas diferentes sedes da KBW.....	43

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.....	11
2	CLASSIFICAÇÃO DO CONHECIMENTO.....	13
2.1	Classificações filosóficas.....	15
2.2	Classificações bibliográficas.....	20
3	ABY WARBURG, BIBLIOTECA E CLASSIFICAÇÃO DO CONHECIMENTO.....	26
3.1	A lei da boa vizinhança.....	29
4	KULTURWISSENSCHAFTLICHE BIBLIOTHEK WARBURG: projeto arquitetônico, áreas de conhecimento e transferências do acervo.....	35
5	O LEGADO DE ABY WARBURG.....	46
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS.....	51
	ANEXOS.....	53

1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg¹, KBW, é uma das bibliotecas mais fascinantes já descritas na literatura. Aby Warburg, idealizador do local, ordenava seu acervo de forma muito peculiar – as obras não obedeciam a uma disposição cronológica e tampouco eram catalogadas a partir de seus autores ou classificadas de acordo com determinada área do conhecimento. O princípio regente reforçava a ideia que os livros teriam capacidade de se relacionar uns com os outros, fazendo com que a biblioteca estivesse sempre em constante mudança e movimento, sendo recriada e reinventada diariamente.

Esse Denkraum ou lugar de pensamento, termo alcunhado à biblioteca, não se destacou somente pela organização, mas por ser a concretização de um projeto de vida do próprio Warburg, cujo objetivo era a criação de um espaço capaz de reunir, de fomentar e de prover a constituição de uma Wissenschaftliche Kultur (ciência da cultura).

Diante do exposto, creio que uma investigação mais aprofundada sobre o assunto servirá para compreendermos como uma ordenação pode ser lógica e, ao mesmo tempo, profundamente pessoal.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é investigar as relações entre as formas de classificação do conhecimento tradicionais e o método warburguiano.

Os objetivos específicos são:

- observar como a subjetividade do indivíduo interfere na organização e classificação do conhecimento de uma coleção;
- investigar as relações entre o projeto arquitetônico da biblioteca e sua possível conexão e/ou interferência na disposição e no ordenamento do acervo da KBW;
- identificar as fases e prováveis alterações nas seções do acervo da biblioteca;

¹ Biblioteca Warburg para as Ciências da Cultura.

- averiguar como o legado da obra de Aby Warburg se mantém vivo na contemporaneidade.

Os estudos sobre Aby Warburg, apesar de crescentes no país, estão mais direcionados para a história do renascimento europeu e a iconologia. Poucas são as publicações encontradas que abordam com profundidade a criação e o desenvolvimento da KBW e estas, por sua vez, nem sempre possuem tradução para a língua portuguesa.

Quanto à natureza do trabalho, trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Recursos como a serendipidade também foram de grande valia para a execução do texto.

O trabalho está dividido em seis capítulos: o primeiro e o segundo apresentam, respectivamente, a fundamentação do estudo e a contextualização dos sistemas de classificação do conhecimento. O terceiro capítulo tem como foco a figura de Aby Warburg, sua trajetória e a idealização da biblioteca voltada aos estudos sobre ciência e cultura. A quarta parte compreende a vinculação entre o projeto arquitetônico da biblioteca e seu acervo e principais áreas do conhecimento ali estabelecidas. O quinto bloco avalia a importância da obra de Warburg e como ela influenciou alguns dos intelectuais mais respeitados nas artes e humanidades. Por fim, o sexto capítulo, as considerações finais.

2 CLASSIFICAÇÃO DO CONHECIMENTO

O processo de classificação do conhecimento surgiu com o propósito de tentar organizar os saberes para formar definições e conceitos dos objetos.

Para Platão, conhecer significava tanto organizar saberes em sua classe correta, quanto colocar coisas e seres em sua categoria, de acordo com a permanência ou regularidade, maneira ideal e essência. Aristóteles defendia que conhecer consistia em formar e aplicar conceitos, formular juízos e relacioná-los entre si, lidar com conceitos universais e, também, aplicar esses conceitos a cada coisa individual. Assim, começando com o gênero, podia-se chegar ao indivíduo ou espécie pela enumeração de propriedades que especificavam diferenças entre uma espécie e outra.

A classificação² nasce da necessidade de uma ordem de representação da realidade em que o indivíduo classifica tudo aquilo que possui semelhança e separa o que apresenta diferença por meio de um processo mental que simplifica a compreensão e o conhecimento. Ainda, segundo Landgridge (1977), “classificar é o fundamento do ato de conhecer”.

O conceito de classificação e organização do conhecimento traz a impossibilidade subjacente de uma teoria geral da organização, sistematização e classificação universal tanto sob o ponto vista teórico quanto prático, encontrando-se a própria classificação impregnada por um caráter provisório. A efemeridade é um traço comum a todos os sistemas, pois estão sempre sujeitos a numerosas concepções e mudanças que os estruturam e delimitam. Foucault (2007), em *As Palavras e as Coisas*, afirma que as coisas se alteram no instante em que as repartimos e classificamos, reafirmando a provisoriedade e a relatividade das classificações como construtos sociais.

A ideia da impossibilidade de uma classificação perdurável do conhecimento foi postulada por Durkheim e Mauss (2003), ao afirmarem que as classes sociais determinam as estruturas da classificação do universo das coisas, e ao considerarem que as classificações dependem da organização e das condições sociais em que elas surgem na sociedade. Nesse sentido, as

² O termo *classificação* tende a cair em desuso: ele foi substituído por *organização do conhecimento*, já que esse apresenta maior amplitude temática (DAHLBERG, 1993).

primeiras categorias sobre as quais se fundamentam as classificações são categorias sociais - são elas que presidem a repartição lógica das coisas.

Grolier (1982) sustenta que a classificação é um artefato cultural que depende não somente dos parâmetros culturais, mas também dos políticos, dos econômicos, das condições sociais, entre outros.

Cabe aqui destacar que

A organização da informação não é dada a priori, mas sim é o resultado de formações históricas voltadas para a manutenção social. Uma reflexão de natureza histórica e historiográfica em relação à figura e ao papel dos responsáveis do que, para cada época, representou documentos e monumentos, significa constituir um tecido sólido para uma reformulação, no presente, de tarefas de um campo que se gera nas novas necessidades da Info-esfera. Ao mesmo tempo, significa também reconhecer responsabilidades e limites de quem atua nesse campo, em relação à manutenção e renovação das estruturas dos saberes. É, de fato, através de *escolhas classificatórias* e de *representação* que se torna possível a *manutenção dos conhecimentos* (CRIPPA; ALMEIDA, 2005).

Uma vez que a classificação se faz a partir da reunião das semelhanças existentes entre objetos ou ideias que deverão ser classificados e que essa reunião pode ser feita a partir de diferentes pontos de vista, questões como naturalidade e artificialidade (arbitrariedade) vêm à tona. Nas classificações naturais, as características ou propriedades que permitem a aproximação são inseparáveis do objeto, enquanto que nas classificações artificiais, as propriedades ou características seriam ocasionais, variáveis.

Segundo Piedade

[...] a classificação artificial é uma classificação menos perene por se fundamentar em características superficiais que não representam relações verdadeiras, enquanto a classificação natural será tão mais natural quanto maior for o número das qualidades imutáveis comuns aos membros de suas classes (1983, p. 18).

Além da divisão em sistemas naturais ou artificiais, as classificações podem, ainda, ser fragmentadas em classificações filosóficas e classificações bibliográficas.

2.1 Classificações filosóficas

Denominam-se classificações filosóficas aquelas criadas com o propósito de definir e hierarquizar o conhecimento humano; surgem a partir da compreensão que o Universo é um sistema harmônico, cujas partes estão dispostas em relação ao todo, que há uma hierarquia das causas e dos princípios e, portanto, uma hierarquia e uma relação entre as ciências (PIEDADE, 1977, p. 53).

Platão, na *República*, divide o conhecimento em física, (que representa as percepções sensíveis), ética (que representa a vontade, o desejo) e lógica que representa a razão). Segundo Sayers (1955, p. 69-92), ele estaria se imortalizando como o primeiro filósofo a classificar as ciências.

Aristóteles propõe a divisão do conhecimento em três filosofias (teóricas, práticas, poiéticas), de acordo com as operações às quais se dedicam as ciências e que são exercidas pelos homens – pensar, agir e produzir. A divisão por ele criada conseguiu abranger todo o conhecimento da época. As classes resultantes, ainda hoje, podem ser adequadas a muitos assuntos.

Além dos filósofos já citados, outros pensadores colaboraram e desenvolveram esquemas classificatórios. A seguir, os quadros 1 e 2 apresentam os princípios das classificações filosóficas dos saberes e suas divisões.

PERÍODO	FILÓSOFO	PRINCÍPIOS
Século IV a.C.	Platão	Tríplice divisão com base no platonismo: teoria, as idéias e dos números (mente matemática); o mito da caverna como concepção de conhecimento; preocupação ética (política e estética) e discurso ou saber demonstrativo Princípio subjetivo: o fim a que as ciências se propõem
Século IV a.C.	Aristóteles	Tríplice divisão com base nas três operações a que se dedicam os homens: pensar, agir e produzir Princípio subjetivo: o homem e suas operações e o fim a que as ciências se propõem
Século VI (523)	Cassiodoro	<i>Trivium</i> e <i>quadrivium</i> (sete artes liberais) com base nas palavras e nas coisas Princípio objetivo: a natureza
1266	Roger Bacon	Quádrupla divisão influenciada pelas classificações escolásticas (derivadas de Aristóteles) e pela divisão tríplice estoíca e epicurista Princípio objetivo: a natureza
1575	Huarte	Tríplice divisão com base nas três faculdades humanas mobilizadas na aquisição de conhecimento: memória, razão, imaginação (o entendimento humano é o princípio organizador da estrutura do conhecimento) Princípio subjetivo: o homem e suas capacidades
1605	Francis Bacon	Tríplice divisão com base nas três faculdades humanas mobilizadas na aquisição de conhecimento: memória, imaginação, razão (o entendimento humano é o princípio organizador da estrutura do conhecimento e a classificação é construída sobre asserções epistemológicas subjetivas e racionais que derivaram de uma visão de mundo que via o homem como o centro do universo) Princípio subjetivo: o homem e suas capacidades
1647	Descartes	Tríplice divisão com base no grau de sabedoria ou clareza de idéias que o homem pode atingir em cada ciência (raiz, tronco, galhos) Princípio subjetivo: o homem e suas capacidades
1651	Hobbes	Classificação embasada no materialismo mecanicista Princípio objetivo: parte do conhecimento sensível ao abstrato, dos fatos concretos à teoria Princípio subjetivo: sequência do natural ao civil
1690	Locke	Classificação embasada no empirismo: a experiência como fonte de conhecimento que depois se desenvolve pelo esforço da razão Suplanta o princípio das capacidades humanas e divide as ciências segundo seu objeto em reais e ideais

PERÍODO	FILÓSOFO	PRINCÍPIOS
1701	Leibniz	Classificação com base na física teórica aristotélica Princípio objetivo: classes aparecem como cânone das disciplinas do conhecimento
1751	Diderot e d'Alembert	Tríplice divisão com base nas três faculdades humanas mobilizadas na aquisição de conhecimento: memória, razão, imaginação (classificação baconiana invertida: o entendimento humano é o princípio organizador da estrutura do conhecimento) Princípio subjetivo: o homem e suas capacidades
1817	Hegel	Tríplice divisão, com base na lógica dialética. A classificação emana do espírito criador da natureza Princípio subjetivo: a síntese dos opostos
1834	Ampère	Classificação dicotômica embasada nos reinos da natureza e do espírito Princípio subjetivo: a oposição Princípio objetivo: divide as ciências de acordo com a natureza do seu objeto em ciências da natureza e ciências do espírito
1842	Comte	Tríplice divisão com base na classificação dos fenômenos e na ordem histórica da sua constituição e progressiva diferenciação Princípio objetivo fundamental de coordenação: parte das ciências mais simples, fundamentais para as mais complexas e derivadas
1864	Spencer	Tríplice divisão com base na classificação dos fenômenos Princípio objetivo fundamental de coordenação: parte das ciências abstratas para as concretas
1889	Wundt	Classificação com base na distinção entre ciências formais e ciências reais. Como as ciências formais não têm objeto (são sistemas de asserções auxiliares sem objeto e sem conteúdo) essa classificação deixa intacta a unidade da ciência Princípio objetivo fundamental de coordenação: do abstrato ao concreto

Quadro 1 - Princípios das classificações filosóficas dos saberes
Fonte: Adaptado de ANJOS, 2008

PERÍODO	FILÓSOFO	DIVISÃO DAS CIÊNCIAS
Século IV a.C.	Platão	Física, ética, lógica
Século IV a.C.	Aristóteles	Filosofia teórica ou especulativa: teologia, física, matemática Filosofia prática: ética, economia, política Filosofia poética ou produtiva: dialética, retórica, poética, medicina, ginástica, gramática, música
Século VI (523)	Cassiodoro	Trivium (ciências sermoniais): gramática, dialética (lógica), retórica Quadrivium (ciências reais): geometria, aritmética, astronomia, música
Século XIII (1266)	Roger Bacon	Física: ótica, astronomia, alquimia, agricultura, medicina, ciências experimentais Filologia: gramática, lógica, retórica Matemáticas: aritmética, geometria, mecânica, música, arquitetura Ética: metafísica, teologia, moral
Século XVI (1575)	Huarte	Artes e ciências da memória: história, artes e ciências da razão (filosofia) Artes e ciências da imaginação: poesia (narrativa, dramática, parabólica)
Século XVII (1605)	Francis Bacon	Ciências da memória: história, geografia. Ciências da imaginação: poesia (narrativa, dramática, parabólica), belas artes Ciências da razão: filosofia, matemática
Século XVII (1647)	Descartes	Metafísica (teologia) Física (matemáticas) Mecânica, medicina, moral
Século XVII (1651)	Hobbes	História, história natural, história civil Filosofia, filosofia natural, filosofia civil, filosofia mecânica (aritmética, geometria, astronomia, geografia), física, meteorologia, astrologia, mineralogia, botânica, zoologia, ótica, música, poesia, retórica, lógica, ética, estética, política
Século XVII (1690)	Locke	Ciências reais (naturais): física, filosofia natural, química, teologia natural, biologia (medicina) metafísicas: filosofia, teologia Ciências ideais (práticas): matemática, ética ou filosofia prática (artes mecânicas, belas artes) Semióticas: lógica, linguística, gênero de vida (similar a antropologia)
Século XVIII (1701)	Leibniz	Teologia, jurisprudência, medicina, filosofia, matemática, física, linguagem, história
Século XVIII (1751)	Diderot e d'Alembert	História: sagrada, eclesiástica, civil, natural Filosofia: metafísica geral, ciência de deus, ciência dos homens, ciência natural Poesia: narrativa, drama, alegorias
Século XIX (1817)	Hegel	Ciências do absoluto: ontologia, teologia, epistemologia Ciências da natureza: mecânica, física, biologia Ciências do espírito (subjetivas): psicologia. Ciências do espírito (objetivas): história Ciências do espírito (absolutas): arte, religião, filosofia (direito, ética)

PERÍODO	FILÓSOFO	DIVISÃO DAS CIÊNCIAS
Século XIX	Ampère	Ciências cosmológicas: ciências matemáticas, ciências físicas, ciências naturais, ciências médicas Ciências nológicas: ciências filosóficas, ciências notécnicas, ciências etnológicas, ciências políticas
Século XIX	Comte	Ciências abstratas fundamentais: matemática (aritmética, geometria, álgebra), astronomia (geométrica, mecânica) Física (termologia, acústica, ótica, eletrônica) Química (orgânica, inorgânica) Biologia (fisiologia), física social (similar à sociologia), moral Ciências concretas derivadas: engenharias, mecânica, geologia, tecnologia, medicina, agricultura, botânica, zoologia, antropologia, sociologia, direito, economia, política, história, geografia humana, arqueologia, psicologia, lógica, estética, cosmologia racional ou filosófica, psicologia racional ou filosófica, teologia racional ou filosófica
Século XIX	Spencer	Ciências abstratas: lógica formal, matemática. Ciências abstrato-concretas: mecânica, física, química Ciências concretas: astronomia, mineralogia (geologia), biologia, psicologia, sociologia
Século XIX	Wundt	Ciências formais: lógica, matemática Ciências reais (natureza/fenomenológicas): física, química, biologia Ciências reais (genéticas): cosmologia, geologia, embriologia, filogênese Ciências reais (sistemáticas): astronomia, geografia, história natural (zoologia, botânica) Espírito (fenomenológicas): psicologia Espírito (genéticas): história Espírito (sistemáticas): direito, economia, política

Quadro 2 - Divisão das ciências nas classificações filosóficas dos saberes

Fonte: Adaptado de ANJOS, 2008

2.2 Classificações bibliográficas

As classificações bibliográficas são construídas a partir de sequências de conceitos planejados para serem aplicados à organização e à disposição física de documentos em um acervo. Perseguem a ordem visando à recuperação da informação e possuem as seguintes finalidades:

- ordenação dos documentos nas estantes ou nos arquivos;
- ordenação das referências nas bibliografias e nos catálogos.

Os conceitos fundamentais que compõem os sistemas de classificação bibliográfica são:

- classes gerais, fundamentais ou básicas: são todos os campos temáticos em toda a sua extensão, isto é, as divisões do conhecimento humano a que se aplicam subdivisões; devem ser flexíveis e expansivas para suportar a inclusão de novos conceitos;
- subdivisões ou facetas: são aspectos particulares de um assunto ou objeto vistos sob determinado ponto de vista; são termos genéricos que denotam os aspectos básicos de um assunto simples; devem apresentar uma estrutura que proceda do geral para o particular, ou seja, uma ordem lógica, sistemática e compreensível;
- divisões auxiliares: são as que permitem a sistematização segundo a forma, lugar, tempo e outras;
- notação: são signos (números, letras, sinais, cores), que representam os nomes das categorias, classes e subdivisões - devem ser flexíveis e manejáveis;
- signos de relação (alguns sistemas os utilizam): são os que representam as relações por sinais de pontuação (+ / , . : ; etc.) e devem permitir combinações de distintos âmbitos conceituais;

- índice alfabético: remete à notação na estrutura classificatória e facilita o uso, pois localiza rapidamente um assunto dentro do esquema sistematizado.

Os esquemas de classificação bibliográfica, como todas as outras construções sociais, também mudam ao longo do tempo, sendo influenciados e influenciando sistemas dentro dos quais operam. Portanto, o tratamento de disciplinas e assuntos está sujeito a transformações.

Os quadros 3 e 4 apresentam os princípios das classificações bibliográficas dos saberes e suas divisões.

PERÍODO	CLASSIFICAÇÃO	PRINCÍPIOS
1876	Classificação Decimal de Dewey (CDD)	Hierárquica geral e notação decimal pura Divisão do conhecimento em nove classes principais (campos do saber - disciplinas básicas) e uma classe reservada para generalidades Subdivisão das classes principais em matérias Ênfase na prática
1905-1907	Classificação Decimal Universal (CDU)	Hierárquica universal e integridade dos números Divisão do conhecimento em nove classes principais (campos do saber - disciplinas básicas) - e uma classe reservada para generalidades Subdivisões mais avançadas das classes principais que as da CDD, permitindo uma análise mais detalhada dos assuntos
1891	Classificação Expansiva de Cutter (EC)	Erudita e filosófica Ideia básica do sistema consiste em uma organização de extensão crescente com várias tabelas classificatórias separadas
1902	Classificação da Biblioteca do Congresso (LCC)	Primazia dos livros sobre os assuntos Primazia da prática sobre a sistematização Primazia das palavras (excesso de ordem alfabética)
1906	Classificação de Assuntos de Brown (BSC)	Primazia do concreto (ideia de que os assuntos são concretos) Disposição das ciências junto da qual elas derivam Teoria do "lugar único", que recomenda que só um lugar deve existir para um assunto Sequência das classes principais segue a ordem do agrupamento mais amplo: matéria, vida, mente, registro
1933	Classificação dos Dois Pontos de Ranganathan (CC)	Esquema facetado segue uma ordem lógica consistente de cinco facetas ou categorias: <i>Personality, Matter, Energy, Space, Time (PMEST)</i> , que é a base para a construção de todo o esquema
1935	Classificação Bibliográfica de Bliss (BC)	A ordem das coisas é a base da classificação do conhecimento (a ordem das classes principais segue a gradação por especialidade) A ordem das coisas é determinada pelo uso e pela utilidade que tem para os pesquisadores nos vários ramos do conhecimento (consenso dos especialistas - base da ordenação por disciplinas) Brevidade da notação

Quadro 3 - Princípios das classificações bibliográficas clássicas
Fonte: Adaptado de ANJOS, 2008

CLASSIFICAÇÃO DO CONHECIMENTO		DIVISÃO E NOTAÇÕES DAS ÁREAS DO CONHECIMENTO			
PERÍODO		Razão	Imaginação	Memória	
1870	HARRIS	Filosofia, religião, ciências sociais, Ciência política, ciências naturais, ciências aplicadas	Belas artes, poesia Miscelânea literária		História, geografia/viagem, Biografia, miscelânea
1876	DEWEY (CDD)	Generalidades (000) Filosofia (100) Religião (200) Ciências sociais (300) Ciências naturais (500) Artes práticas (600)	Belas artes (700) Língua (400) Literatura (800)		História, geografia, viagem, História civil, biografia (900)
1891	CUTTER	Obras gerais (A) Filosofia, religião (B) Religião cristã (C) História eclesialística (D) Ciências sociais (H) Sociologia (I) Governo, política (J) Legislação, direito (K) Ciências (L)	História natural (M) Engenharia (S) Artes úteis (R) Manufaturas (T) Botânica (N) Zoologia (O) Antropologia (P) Medicina (Q) Belas artes (W)		Artes recreativas, esportes, teatro, música (V) Língua (X) Literatura (Y) Ficção (YF) História (F) Geografia, viagem (G) Biografia (E) Arte do livro (Z)
1905	OTLET/ LA FONTAINE	Filosofia (1) Religião (2) Ciências sociais (3) Ciências (5)			Ciências aplicadas (6) Belas artes (7) Língua, literatura (8) História, geografia, biografia (9)
1902	LCC	Obras gerais (A) Filosofia, psicologia, religião (B) Ciências sociais (H) Ciência política (J) Direito (K) Educação (L) Ciência (Q)	Agricultura (S) Medicina (R) Tecnologia (T) Ciência militar (U) Ciência naval (V) Música (M) Belas artes (N) Língua, literatura (P)		História, ciências auxiliares (C) História geral, história europeia (D) História americana (geral) (E) História dos Estados Unidos (F) Bibliografia, biblioeconomia, recreação infantil (Z) Geografia, antropologia, recreação (G)

CLASSIFICAÇÃO DO CONHECIMENTO		DIVISÃO E NOTAÇÕES DAS ÁREAS DO CONHECIMENTO			
PERÍODO		Mente	Matéria e força	Vida	Memória e registro
1906	BROWN	Generalidades (A) Filosofia, religião (J-K) Ciências sociais, ciência política (L)	Ciências físicas (B-D)	Artes domésticas, biologia econômica (I) Biológicas (E-F; C) Medicina (G-H)	Língua, literatura (M) História, geografia (O-W) Biografia (X)
1933	RANGANATHAN	Generalidades (Z) Filosofia (R) Psicologia (S) Misticismo, Espiritismo (MZ) Religião (Q) Sociologia (Y) Ciência política (W) Economia (X) Educação (T) Ciências (A)	Matemática (B) Física (C) Engenharia (D) Química (E) Artes úteis (M) Biologia (G) Geologia (H) Botânica (I) Agricultura (J) Zootomia (KZ) Medicina (L) Tecnologia (F)	Belas artes (N) Linguística (P)	História (V) Biografia (X)
1935	BLISS	Filosofia, lógica, matemática, estatística, ciência, ciência e tecnologia (A) Psicologia (I) Religião, ocultismo, moral, ética (P) Religião, ocultismo, moral (Z) Ciências sociais, descrições e viagens (K) Ciência política, administração pública (R) Economia, administração de empresas (T) Direito (S) Educação (J)		Astronomia, ciências espaciais, ciências da terra (D) Física (B) Química (C) Tecnologia, artes úteis, artes recreativas (U) Biologia (E) Botânica (F) Zootomia (G) Antropologia (H) Artes, belas artes (V) Filologia, língua, literatura (W) História (L)	

Quadro 4 - Classes principais dos esquemas gerais de classificação bibliográfica
Fonte: Adaptado de ANJOS, 2008

Os sistemas de classificação, independentemente dos seus tipos ou distinções, têm como finalidade promover uma classificação que reflita crítica e filosoficamente sobre os elementos de ligação que servem para a reunião de conceitos. Todavia, é válido lembrar que o mundo, em razão da sua diversidade e permeabilidade, não cabe em estruturas classificatórias.

O suposto rigor dos sistemas classificatórios, desmembrados em filosóficos e utilitários (bibliográficos) esconde a parcialidade desses processos. Todo método ou sistema possui uma estrutura hierárquica, faz distinções e relaciona ramos do saber que podem ser evidentes, aceitos ou repudiados.

Contudo, a despeito dos métodos classificatórios rígidos e limitadores, seria possível que uma biblioteca específica se opusesse aos modelos de organização vigentes e institísse uma nova forma de classificar o conhecimento? Os interesses mais particulares caberiam em estruturas classificatórias? A ordem e o caos poderiam coexistir no mesmo espaço?

3 ABY WARBURG, BIBLIOTECA E CLASSIFICAÇÃO DO CONHECIMENTO

Abraham Moritz Warburg, mais conhecido como Aby Warburg, nasceu na Alemanha, na cidade de Hamburgo, no dia 13 de junho de 1866. Primogênito de uma família de banqueiros judaico-alemã, desde muito cedo, manifestou interesse pela história, em particular pelo estudo das imagens e suas relações intrínsecas. No ano de 1879, após a morte prematura do pai, Warburg cede seu direito de progeneratura a um irmão mais novo, Max, em troca da promessa de que este lhe compraria, durante a vida, todos os livros que ele quisesse

Aos 13 anos, Aby me ofereceu sua primogenitura. Caberia a ele, na sua qualidade de irmão mais velho, administrar os negócios da família. Eu só tinha 12 anos e era muito imaturo para pensar em sua proposta. Em troca ele não pedia um prato de lentilhas, mas sim a promessa que eu lhe compraria sempre todos os livros que ele quisesse. Após uma breve reflexão, eu disse que sim. Disse a mim mesmo que quando estivesse familiarizado com os negócios, teria dinheiro para lhe comprar as obras de Schiller, Goethe, Lessing e talvez Klopstock; afora em retrospecto, percebo que estava tão confiante que acabei lhe dando um cheque em branco. O amor a leitura, aos livros...foi sua primeira paixão³ (GOMBRICH, 1992).

Warburg inicia seus estudos e frequenta universidades em Bonn, Munique, Berlim e Estrasburgo, dedicando-se à arqueologia, história, história da arte, psicologia, religião e medicina. Na mesma época, Aby frequenta as aulas de Hubert Janitscheck⁴ e entra em contato com a escola vienense de história da arte.

Com 20 anos, Warburg começa a tomar notas sobre suas aquisições de livros e, três anos mais tarde (1889), cria para si uma biblioteca de pesquisa

³ Tradução nossa: "A los trece años, Aby me ofreció su primogenitura. En su calidad de hermano mayor estaba destinado a encargarse de la empresa. Yo solo tenía doce años, era demasiado inmaduro para reflexionar, y así pues acepté comprarle la primogenitura. Pero a cambio no pedía un plato de lentejas, sino la promesa que yo le compraría siempre todos los libros que él quisiera. Tras una breve reflexión, dije que sí. Me dije a mi mismo que cuando yo estuviera bien metido en los negocios, me sobraría dinero para costearle las obras de Schiller, Goethe, Lessing y quizá también de Klopstock; y así, confiado, le di lo que ahora, retrospectivamente, se puede llamar todo un cheque en blanco. El amor a la lectura, a los libros..., fue su primera pasión."

⁴ Hubert Janitschek (1846-1893) nasceu em Opava, cidade ao norte da República Tcheca. Foi professor de história da arte nas Universidades de Leipzig e Estrasburgo. Em 1890 criou os termos "arte otomana" e "pintura otomana".

voltada à história da arte, campo no qual ele se destacou com suas pesquisas sobre paganismo no renascimento europeu e iconologia⁵.

Em 1895 Warburg viaja ao Arizona e ao Novo México, nos Estados Unidos, onde estuda os rituais dos índios Hopis⁶. Mesmo durante suas peregrinações, ele não se separava de uma biblioteca de viagem e, nos quartos de hotel onde se hospedava, reconstituía a configuração de seu espaço de trabalho como se estivesse em Hamburgo.

Assim que volta de viagem, Aby se casa com Mary Hertz, pintora e escultora proveniente da alta burguesia protestante de Hamburgo. No ano de 1898 o casal se muda para Florença e Warburg avança nos estudos de história da astronomia e astrologia na Biblioteca do Vaticano.

De volta à Alemanha, quase uma década depois, instala-se com a esposa no número 114 da Heilwigstrasse, em Hamburgo, onde permaneceria até o fim da vida. Sua biblioteca já reúne nove mil volumes e Warburg ganha um novo assistente - Fritz Saxl.

Durante a Primeira Guerra Mundial, Aby abandona as pesquisas históricas e se volta para a atualidade. Procura reunir em sua biblioteca todas as informações relativas ao avanço do conflito. O acervo da biblioteca já ultrapassa os 11 mil exemplares.

Em 1918 Warburg sofre de distúrbios psíquicos e é internado na Clínica Bellevue, em Kreuzlingen, na Suíça, onde é tratado por Ludwig Binswanger⁷. Diagnosticado como esquizofrênico maníaco-depressivo, o historiador da arte quis matar a família durante uma crise, para evitar que fossem perseguidos, trancafiados em prisões secretas, torturados e assassinados, o que retrospectivamente teria feito dele também um visionário. Em Bellevue, Warburg associava os gritos que ouvia nos corredores aos de sua mulher sob

⁵ Estudo dos ícones (pinturas, representações, signos) ou do simbolismo artístico. Ciência da representação, nas artes, das figuras alegóricas, míticas e emblemáticas, e de seus atributos.

⁶ Nação indígena dos Estados Unidos, organizada em clãs, que vive ao noroeste do estado do Arizona. É um dos poucos grupos indígenas que ainda mantêm sua cultura na atualidade.

⁷ Ludwig Binswanger (1881-1966): psiquiatra suíço pioneiro na área da psicologia existencial. Formou-se em medicina pela Universidade de Zurique e ainda jovem trabalhou e estudou com Carl Jung e Sigmund Freud. Seu trabalho recebeu uma grande influência da filosofia existencial, especialmente das obras dos filósofos Martin Heidegger e Edmund Husserl. A partir de seus estudos sobre fenomenologia, Binswanger distanciou-se da psicanálise e deu início na década de 1930 a uma nova metodologia terapêutica, combinando psicoterapia com existencialismo. Binswanger foi o diretor da área médica do Sanatório de Kreuzlingen de 1911 a 1956.

tortura. Acreditava que a família fosse mantida em segredo na clínica, à espera de ser massacrada, e que a carne servida no jantar era a de seus filhos.

A terapia prescrita por Binswanger consistia em repouso, ópio, análise e intenso trabalho intelectual, capaz de transformar a angústia do paciente em ideias, numa correspondência direta com a própria visão antropológica de Warburg, para quem a cultura consistia basicamente em dar forma ao informe, atribuindo causas e sentidos mágicos, divinos ou naturais ao incompreensível.

Durante a ausência de Warburg, Fritz Saxl assume a direção da biblioteca, transformando-a em instituto de pesquisas⁸. Saxl organiza a publicação das conferências realizadas na KBW com contribuições de Ernst Cassirer (filosofia), Gustav Pauli e Erwin Panofsky (história da arte), Karl Reinhardt (filologia clássica), Richard Salomon (bizantinologia) e Helmut Richter (línguas orientais). A biblioteca já contava com 20 mil volumes.

No dia 21 de abril de 1923, Warburg recapitula, para médicos e pacientes, sua viagem ao Novo México e o ritual da serpente⁹. A palestra foi realizada no hospital psiquiátrico com o intuito de comprovar a sanidade mental do palestrante. Tal episódio ficou conhecido como Conferência de Kreuzlingen. Aby Warburg recebe alta e em 1924 retorna a Hamburgo.

O retorno à cidade natal desperta em Warburg o desejo de construir uma nova biblioteca, pois o prédio atual na Heilwigstrasse 114 não tinha capacidade suficiente para abrigar um acervo tão expressivo; a biblioteca já possuía mais de 45 mil volumes nessa época. O arquiteto Gerhard Langmaack, com base num projeto de Fritz Schumacher e Felix Ascher, constrói uma nova biblioteca contígua à residência da família, no número 116 da Heilwigstrasse.

Em 1929, Aby Warburg sofre um ataque cardíaco e não resiste. Morre em Hamburgo no dia 26 de outubro.

Em 1933 a KBW é transferida para Londres. Possui 60 mil volumes.

⁸ Neste trabalho, refiro-me à biblioteca de três formas: KBW, The Warburg Institute e Instituto Warburg. Lembrando que a KBW se torna instituto de pesquisas em 1919.

⁹ No ritual da serpente, os índios da região dançavam com uma cobra venenosa viva na boca. Todo o ritual funcionava por analogia. A forma da serpente, em ziguezague, era associada aos raios da tempestade. A dança tinha por objetivo fazer chover. Os Hopis forçavam a participação e a intervenção das serpentes. Não as matavam, não recorriam ao sacrifício. A serpente incorporada ao ritual se tornava um símbolo vivo. Ela representava um perigo natural, palpável, que o homem podia manipular e imobilizar, no lugar dos raios da tempestade, imprevisíveis, incompreensíveis e incontroláveis.

3.1 A lei da boa vizinhança

Nos anos em que Warburg forma sua própria biblioteca, o problema da disposição dos livros é objeto de acirradas discussões sobre o melhor método de organização de uma biblioteca. Os debates ora favoreciam uma ordem hierárquica de assuntos que guiasse o leitor pelos vários domínios do conhecimento, ora defendiam uma ordem baseada no tamanho e na data de aquisição de cada volume - método bastante empregado em algumas bibliotecas medievais. Para Warburg, nenhum dos métodos era satisfatório, pois ele queria que sua coleção fosse arrebatadora e espontânea.

Entre os anos 1889 a 1891, Aby Warburg estuda em Estrasburgo e frequenta com assiduidade a biblioteca da universidade. É nesse ambiente, que continha certo número de compartimentos que abrigavam bibliotecas especializadas, que Warburg circulava livremente, deslocando-se de uma sala para outra, indo da arte à religião, da religião à literatura, da literatura à filosofia. A liberdade de circulação de um setor a outro, unindo os diversos ramos da história da civilização humana chamou a atenção do estudante. Sua pretensão era ultrapassar o modelo estabelecido em Estrasburgo, pois, para ele, era preciso inserir cada setor num percurso unificador, que recusava toda classificação disciplinar rígida.

O sistema de classificação que regia - e ainda rege - a KBW é bem peculiar, já que as obras não são classificadas cronologicamente e, tampouco, agrupadas pelos nomes de seus autores. Warburg considerava que a ordem alfabética na organização da biblioteca poderia limitar as relações entre as obras, construindo inter-relações artificiais. No informe anual da biblioteca, o próprio explicava seu objetivo

A biblioteca Warburg para as Ciências da Cultura não foi concebida como uma câmara do tesouro para raridades bibliográficas. Ao contrário, sua ideia fundamental nasceu, há mais de 20 anos, do sentimento da miséria espiritual da comunidade científica que ao fundador parecia inexoravelmente clara em uma época em que só se queria ouvir falar dos temas que interessavam à ciência alemã (SETTIS, 2000).

A organização se baseava na lei da boa vizinhança, isto é, o livro conhecido não era, na maior parte dos casos, o livro de que se precisava. Era o vizinho desconhecido na mesma estante que continha a informação vital, por menos que se pudesse adivinhá-lo pelo título. Esse método diminuía as distâncias entre pesquisadores e as zonas mais obscuras do conhecimento e, conseqüentemente, dinamizava os demais processos. Segundo Didi-Huberman (2002, p. 41) a biblioteca era, também, um “espaço rizomático [...]: lá onde existiam fronteiras entre disciplinas, a biblioteca procurava estabelecer vínculos”.

A disposição das obras nas estantes era desconcertante: quem ali entrasse acharia pelo menos estranho que Warburg se cansasse deslocando-se sem cessar. Cada progresso em seu sistema de pensamento, cada nova ideia sobre a inter-relação dos fatos o impelia a mudar a posição dos livros correspondentes. Era uma biblioteca que vivia intensamente, de modo a exprimir as ideias de seu criador. Mesmo o fichário de Warburg era organizado segundo princípios semelhantes.

A ideia primordial era que todos os livros juntos – cada qual contendo sua porção maior ou menor de informação e sendo complementado pelos vizinhos – deveriam, por força de seus títulos, levar o estudioso a reconhecer as forças essenciais do espírito humano e de sua história. Para Warburg, os livros eram mais que instrumentos de pesquisa. Reunidos e agrupados, exprimiam o pensamento da humanidade em seus aspectos constantes e cambiantes (MANGUEL, 2006).

Fritz Saxl, ao visitar a KBW pela primeira vez, impressionou-se com a organização dos livros e compreendeu que a disposição dos volumes não era estática, mas de um universo em movimento

Até a disposição dos livros era desconcertante. Era inevitável que o pesquisador experimentasse um profundo sentimento de estranheza. Podemos supor que Warburg nunca se cansava de rearrumá-los sem parar. Cada avanço em seu sistema de pensamento, cada nova ideia conducente a um novo encaminhamento dos fatos, levava-o a reordenar os livros envolvidos. A biblioteca era modificada a cada mudança de seu método de pesquisa e seus interesses. A coleção ainda era modesta, porém extraordinariamente viva, e Warburg nunca parava de transformá-la, a fim de que ela exprimisse, da melhor maneira possível, a sua representação da história e do homem (GOMBRICH, 1992).

Mesmo havendo bibliotecas mais completas à época, a iniciativa de Warburg determinava o sentido de sua pesquisa e abolia a distinção entre acumulação de saber e produção estética, entre pesquisa e desempenho. A biblioteca era uma coleção de perguntas e não um depósito de livros. A KBW não se enquadrava no que Derrida (2001, p. 108) chamaria de “mal de arquivo”, pois o local era mais do que um mero repositório onde a memória se organizava por meio de cadernos de notas, catálogos, atlas e fichas. O propósito ia além do colecionismo, da conservação e da organização do conhecimento. Warburg defendia que a biblioteca era memória, mas memória como matéria organizada. A novidade do método se baseava na reunião de documentos provenientes do campo da linguagem, bem como das artes plásticas ou do drama religioso que seriam dispostos em grandes mesas e comparados, como se estivessem expostos em uma arena, com grandes mesas, possibilitando ter à mão os livros comuns e o material iconográfico.

A preferência por um ordenamento sistemático que fugia dos padrões se revelou na estrutura física da biblioteca concebida por Warburg, onde “[...] o passeio de compartimento em compartimento, como em Estrasburgo, é substituído por um passeio de estante em estante” (SETTIS, 2000).

Durante as sessões de trabalho, Warburg vivia em constante movimento, manipulando livros, comparando fotografias, escrevendo e classificando notas. Constantemente, ele era visto fatigado e inquieto, debruçado sobre fichários, com um bolo de fichas na mão, esforçando-se para encontrar o melhor lugar para cada uma delas no interior do sistema. O que parecia um dispêndio de energia era, na verdade, a objetivação de seu

pensamento. O sistema de classificação engendrado por Warburg e seu deslocamento ao longo das estantes fazia parte de um rito de orientação em que cada conjunto de livros estava ligado pela proximidade ou distância que os separava e refletia, naquele momento, o interesse que Warburg nutria pela matéria de que os livros tratavam.

As imagens apresentadas exemplificam o sistema de classificação adotado por Warburg. Na figura 1 a temática que permeia a organização dos livros da estante está relacionada à história da medicina; as obras adjacentes abordam assuntos como temperamento, anatomia, oftalmologia, ginecologia, pragas e medicina veterinária:



Figura 1 - Exemplo de disposição das obras relacionadas à história da medicina na KBW

Fonte: THE WARBURG INSTITUTE, 2014

A figura 2 mostra a disposição das obras sobre adivinhações, monstros, cometas, parapsicologia, quiromancia, frenologia, bolas de cristal, hidromancia, geomancia, cartomancia, dados e jogos de tabuleiro.



Figura 2 - Exemplo de disposição das obras relacionadas à adivinhação na KBW

Fonte: THE WARBURG INSTITUTE, 2014

O campo de interesse representado pela figura 3 corresponde à iconografia e títulos que remetem à literatura e arte, simbolismo, virtudes e vícios, alegorias seculares, tipologia, bíblia, morte, santos, sibilas, figura humana, retratos, paisagens, natureza morta, gêneros e história da pintura, animais, guerras, caricaturas, trajes e vestuário.

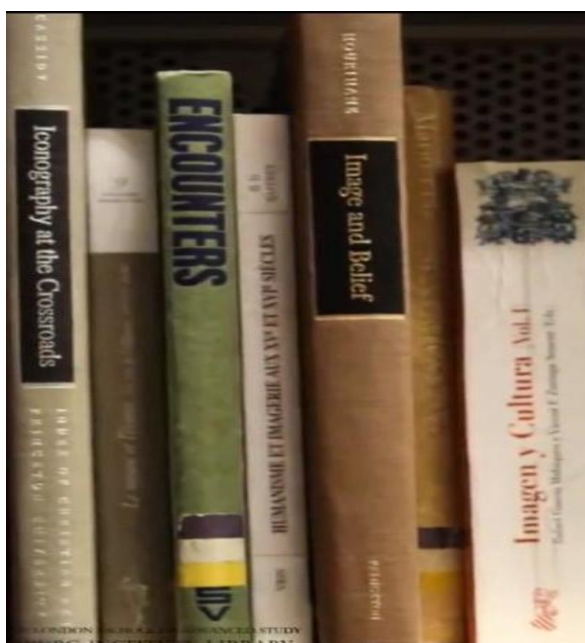


Figura 3 - Exemplo de disposição das obras relacionadas à iconografia na KBW

Fonte: THE WARBURG INSTITUTE, 2014

O itinerário mental aplicado na forma de sistema de boa vizinhança tinha como finalidade, antes de tudo, conduzir o leitor através de um labirinto sem saída, de perguntas sem respostas. Os questionamentos só seriam solucionados a partir de uma análise global da coleção.

4 KULTURWISSENSCHAFTLICHE BIBLIOTHEK WARBURG: projeto arquitetônico, áreas de classificação do conhecimento e transferências do acervo

Em 1925, a KBW já possuía mais de 45 mil volumes e se tornaria um centro de pesquisas, oferecendo bolsas de estudo. Warburg percebe que abrigar uma coleção tão vasta dentro de sua própria residência seria inviável.

Nesse período, Felix Ascher e Fritz Schumacher foram encarregados do projeto - apesar de Fritz Saxl deixar explícita sua preferência pelos nomes de Le Corbusier ou Gropius -, enquanto Gerhard Langmaack, aluno colaborador de Schumacher, assumiu o acabamento do trabalho. O edifício foi construído de acordo com seus planos, contíguo à residência de Warburg, no número 116 da Heilwigstrasse.

A biblioteca foi pensada de forma que não houvesse paredes, com estantes arredondadas e em formato oval, sugerindo uma associação ininterrupta de títulos, descartando qualquer ordem linear com começo, meio e fim. Warburg dedicou sua biblioteca à Mnémosine, gravando o nome da deusa da memória na entrada interna da KBW, em Hamburgo. A figura 4 mostra a fachada da biblioteca:



Figura 4 - Fachada da KBW na Heilwigstrasse, 116

Fonte: MICHAUD, 2013

O projeto de uma biblioteca circular surge a partir do modelo das aldeias Hopis que apresentavam circulação semelhante entre a casa, o cosmo e o local de culto onde o espaço voltado para a devoção, Kiwa, integrava-se à casa, situado no nível mais baixo da edificação. Na Heilwigstrasse, os apartamentos de Warburg e seus familiares ficavam nos andares superiores, ao passo que as salas do térreo eram inteiramente destinadas ao arranjo (cosmo) e à consulta dos livros (culto). A biblioteca era organizada de acordo com as relações simbólicas que governavam o estar-no-mundo dos indígenas, ou seja, era o espaço de contemplação transformado em espaço de pensamento.

Em sua observação dos rituais indígenas, Warburg descobrira a possibilidade de abolir as fronteiras entre o mundo e as representações: foi essa experiência que quis reiterar e perenizar no recinto da biblioteca, elaborando um tipo de pensamento que abraçasse os movimentos da intuição e se deixasse decifrar de acordo com os ritmos dela, um pensamento inseparável do corpo e dos acasos que o afetam.

Ao levar adiante sua concepção de uma sala de leitura em elipse, vemos surgir a configuração de Oraibi¹⁰ em que se desenrolavam as danças observadas dos telhados pela assembleia de espectadores.

Ao introduzir uma parede de livros em formato oval, Aby tem dois objetivos:

- a partir da construção de uma arena, os livros fiquem mais próximos e mais fáceis de consultar;
- instalar uma fileira de assentos acima da parede de livros para que o público, quando estiver presente em maior número, possa ver e ouvir tudo o que ali é discutido.

A conformação da sala de leitura fica evidente quando visualizamos a figura 5:

¹⁰ Oraibi é uma aldeia Hopi localizada no Condado de Navajo, no Arizona, Estados Unidos. A aldeia também é conhecida como Orayvi pelos habitantes nativos. Warburg visita Oraibi em 21 de abril de 1896 onde conhece o Ritual da Serpente.

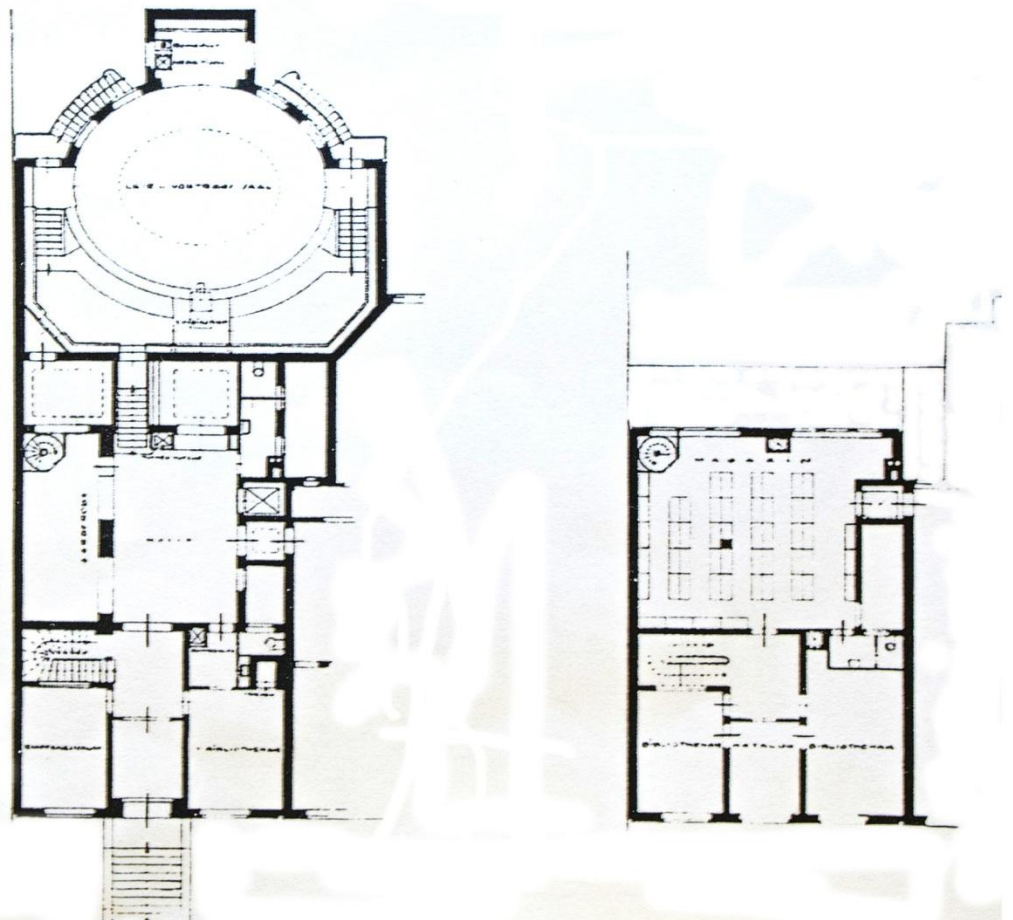
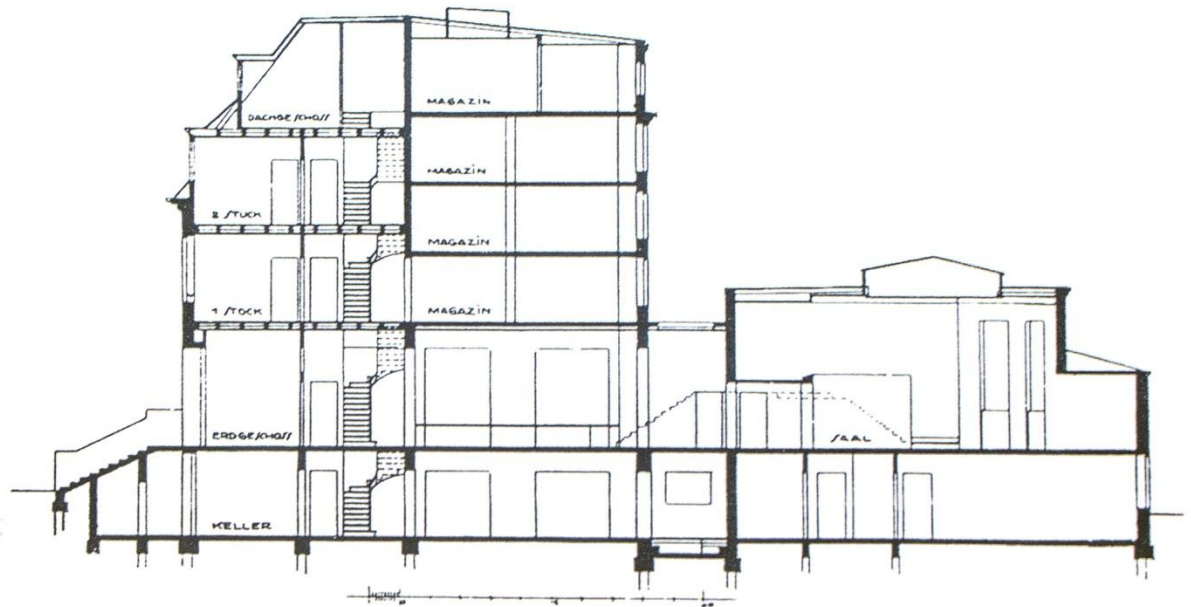


Figura 5 - Corte e plano da KBW

Fonte: SETTIS, 2010

O projeto arquitetônico permitiu que a sequência mental no ordenamento dos livros e o percurso físico pelos quatro andares da biblioteca coincidissem. Segundo Settis (2000), o deslocamento deveria ser feito de baixo para cima (QUADRO 5):

4º andar	FORMAS SOCIAIS DA VIDA HUMANA	História Direito Folclore
3º andar	LÍNGUA E LITERATURA	
2º andar	EXPRESSION NAARTE	Teoria História
1º andar	EXPRESSION	Problemas gerais Natureza dos símbolos Antropologia Religião Filosofia História das ciências

Quadro 5 - Deslocamento de acordo com os andares da KBW

Fonte: SETTIS, 2000

A passagem de um setor para outro deveria ser a correspondência entre a mente e o espaço físico, isto é, entre os problemas e os livros. Esse labirinto proposto por Warburg forçava o leitor a encontrar aquilo que ele não estava buscando e que poderia se tornar uma informação essencial.

Apesar da criação da biblioteca ser essencialmente visual, sua infraestrutura, para os padrões da época, também impressionava: contava com tecnologia de ponta para o transporte de livros de um lugar para outro, incluindo esteiras especiais. Havia 26 ligações telefônicas, um tubo pneumático e um elevador para livros e funcionários.

O sistema engendrado por Warburg dividia os livros em quatro andares, obedecendo a seguinte ordem:

- primeiro andar - Drômenon (ação): obras que tratavam dos problemas gerais da expressão e da natureza dos símbolos (antropologia, religião, filosofia, história das ciências);
- segundo andar - Wort (palavra): livros sobre a expressão, teoria e história da arte;
- terceiro andar - Bild (imagem): dedicado à língua e à literatura;
- quarto andar - Orientierung (orientação): composto por títulos que discorriam sobre as formas sociais da vida humana (história, direito, folclore).

Fritz Saxl ilustra a estrutura da biblioteca descrevendo uma das estantes (QUADRO 6):

Problemática Religiosa	História das Ciências Naturais e da Medicina	Problemática Filosófica
História Geral da Religião		História Geral da Filosofia
História das Religiões Antigas	História da Cultura Árabe	História da Filosofia Antiga
Religiões da Antiguidade Tardia		Filosofia Antiga Tardia e Medieval

Quadro 6 - Representação de uma das estantes da KBW

Fonte: SETTIS, 2000

Saxl explicaria, inclusive, a organização da seção do meio

Entre a história da religião e a história da filosofia está situada a história das ciências naturais, como um elo (Bindeglied) que as liga. Na medida em que foram os árabes que transmitiram ao Ocidente os saberes adquiridos da filosofia e da medicina da Antiguidade, a seção da cultura árabe está imediatamente justaposta a elas; enfim, a história da filosofia medieval é uma síntese de Oriente e Ocidente. [...] A classificação de Warburg é tão clara que um guia seria inteiramente inútil (GOMBRICH, 1986).

De acordo com o sistema de classificação, podemos deduzir que as obras da estante acima representada estão situadas no primeiro andar e indicam uma ação do sujeito perante o mundo a partir das conexões entre antropologia e religião, religião e filosofia, filosofia e história das ciências. Esse modelo de organização se manteve ao longo dos setores e seria aplicado a quaisquer assuntos, nesta ordem:

- problemática;
- história geral;
- história específica.

As categorias que dividiam a KBW comportavam assuntos, considerados fundamentais para Warburg e para o desenvolvimento da ciência e da cultura:

- história da arte ocidental pós-clássica, especialmente no início da era cristã; artes bizantina, italiana, holandesa e alemã (com abrangência na arquitetura, escultura e pintura); iconografia (religiosa e secular); sobrevivência da arte clássica (antiguidades, inscrições, numismática, gemas) e de temas de arte clássica; fontes históricas (guias, inventários, cartas); desenvolvimento da história da arte como disciplina; história da arte coletiva; artes aplicadas;
- retórica e poética; literatura italiana (de Dante ao século XVII); humanismo renascentista; influência posterior de autores clássicos e sobrevivência de temas clássicos; manuais mitológicos; livros de emblemas; história das universidades e academias europeias; intercâmbio cultural (tradução, viagens e peregrinação);
- sobrevivência da filosofia antiga e sua influência no pensamento moderno medieval, renascentista e precoce, com seções de particular importância na filosofia árabe da Idade Média, filosofia espanhola medieval e filosofia renascentista;

- história da religião, especialmente estudos comparativos (rituais e onomástica); sobrevivência e influência posterior de antigas crenças religiosas e cultos (maniqueísmo e hermetismo) e suas conexões com o cristianismo e o judaísmo; inter-relações entre o cristianismo, o judaísmo e o islamismo; cristianismo (patrística, hagiografia, monaquismo, pregação, jesuítas); misticismo judaico, história e arte; atitudes ocidentais para a percepção do mundo islâmico;
- história da magia e ciência, especialmente a astrologia e a iconografia astrológica; alquimia; profecia e práticas divinatórias (sonhos, cometas, monstros); historiografia (desde a antiguidade até o presente) e história política, especialmente da Itália e da Alemanha; história cultural, especialmente a sobrevivência de práticas culturais antigas e sua influência na história posterior, com seções de particular importância sobre história do pensamento utópico e de livros de conselhos políticos; realeza medieval; pensamento político na Renascença; história dos festivais e banquetes (incluindo livros de receitas históricas); direito romano na Idade Média e no Renascimento.

Uma série de deslocamentos da biblioteca ocorreu nos anos entre a construção da nova sede da KBW em Hamburgo e o prédio atual. Settis (2000) em seu *Warburg Continuatus* descreve com precisão as sucessivas transferências:

Hamburgo, Heilwigstrasse 114 (casa de Aby Warburg)

1º andar (Bild): belas artes

2º andar (Orientierung): antropologia e religião comparada

3º andar (Wort): língua e literatura

4º andar (Drômenon): vida social e política

Hamburgo, Heilwigstrasse 116, maio de 1926 a dezembro de 1933 (ao lado da casa de Warburg)

1º andar (Orientierung): antropologia e religião comparada

2º andar (Wort): língua e literatura

3º andar (Bild): belas artes

4º andar (Drômenon): vida social e política

Londres, Thames House, Millbank, maio 1934 a julho 1937

1º andar (Orientierung): antropologia e religião comparada

2º andar (Wort): língua e literatura

3º andar (Bild): belas artes

4º andar (Drômenon): vida social e política

Londres, Imperial Institute Buildings, South Kensington, julho 1937 a janeiro 1939; fevereiro de 1939 a outubro 1939¹¹.

1º andar (Wort): literaturas clássicas e modernas

2º andar (Bild): arte pré-clássica e arte oriental; arte minoica, arte grega e arte romana;

3º andar (Orientierung): religião comparativa greco-romana e cristã; religiões orientais antigas e modernas;

4º andar (Drômenon): história.

Londres, Imperial Institute Buildings, South Kensington, verão de 1945 a fevereiro 1958

1º andar (Wort): literaturas clássicas e modernas;

2º andar (Bild): arte pré-clássica e arte oriental; arte minoica, arte grega e arte romana;

3º andar (Orientierung): religião comparativa greco-romana e cristã; religiões orientais antigas e modernas;

4º andar (Drômenon): história.

¹¹ Durante algum tempo, a biblioteca ficou encaixotada, e grande parte inutilizável; ela ficou dispersa em diferentes lugares fora de Londres, durante a crise de Munique voltou a Londres em novembro de 1938. durante a guerra, os livros foram reencaixotados e conservados provisoriamente em lugares diferentes; em 28 de novembro de 1944, o Instituto Warburg foi incorporado à Universidade de Londres.

Londres, Worburn Square, desde fevereiro de 1958

1º andar (Bild): arte pré-clássica e arte oriental; arte minoica, arte grega e arte romana;

2º andar (Wort): literaturas clássicas e modernas;

3º andar (Orientierung): religião comparativa greco-romana e cristã; religiões orientais antigas e modernas;

4º andar (Drômenon): história.

O quadro 7 ilustra como as transferências de sede influenciaram na distribuição das seções da KBW:

	PRIMEIRA TRANSFERÊNCIA (HAMBURGO, 1927)	SEGUNDA TRANSFERÊNCIA (HAMBURGO, 1932)	TERCEIRA TRANSFERÊNCIA (LONDRES, 1934)	QUARTA TRANSFERÊNCIA (LONDRES, 1958)
1º andar	Bild	Orientierung	Orientierung	Bild
2º andar	Orientierung	Bild	Wort	Wort
3º andar	Wort	Wort	Bild	Orientierung
4º andar	Drômenon	Drômenon	Drômenon	Drômenon

Quadro 7 - Divisão das seções nas diferentes sedes da KBW

Fonte: SETTIS, 2000

Na primeira transferência, as mudanças foram aprovadas por Warburg. As demais alterações foram decididas, provavelmente, por Fritz Saxl e Gertrud Bing¹², colaboradores da KBW.

Entre a nova sede de Hamburgo e a de Londres houve uma série de deslocamentos da biblioteca. A cada mudança, era preciso apresentar de novo o problema da organização da biblioteca, da arrumação dos livros: toda vez tinha que ser adaptada tanto à instalação warburguiana quanto às suas exigências da arquitetura da nova sede. Chega-se, assim, ao edifício atual,

¹² Historiadora de arte. Estudou em Munique e Hamburgo, tendo sua tese de doutorado supervisionada por Ernst Cassirer. Em 1922, enquanto Warburg ainda estava internado, Bing assume como bibliotecária da KBW e, após retorno de Warburg, torna-se assistente de pesquisa. Foi diretora do Warburg Institute entre 1954 e 1959.

cuja arquitetura foi pensada em função da biblioteca, onde a repartição se faz, como em Hamburgo, em quatro andares.

Para encontrar as obras nas estantes da KBW, deve-se observar a primeira letra da classificação de cada livro que indica o andar onde ele será encontrado. Na entrada de cada um dos andares há uma lista que informa o número da estante em que as obras estão localizadas. Ao lado de cada estante, também há uma relação indicando os códigos e os assuntos de cada livro. Todos os andares possuem terminais de consulta ao catálogo da instituição. A imagem a seguir (FIGURA 6) representa o “mapa” atual da Biblioteca Warburg e suas respectivas divisões.

LIBRARY PLAN

Fourth Floor: ACTION

D Social History	H Political History	F Magic & Science [Orientation]
----------------------------	-------------------------------	--

Third Floor: ORIENTATION

B Western Religion	G Eastern Religions	A Philosophy
------------------------------	-------------------------------	------------------------

Second Floor: WORD

E Literature Classical & Vernacular	N Preservation & Transmission of Classical Literature: Humanist & Vernacular Works
--	--

First Floor: IMAGE

Ground Floor

C Art History	RR Reference Books
-------------------------	------------------------------

Basement Floor: IMAGE (continued) & Periodicals

K Classical Art & Archaeology CR Modern Art	P Periodicals
--	-------------------------

Figura 6 - Plano atual da KBW, em Londres

Fonte: THE WARBURG INSTITUTE, 2014

O sistema metódico de arranjo da KBW se tornou pessoal, íntimo. Ao colocar seu sobrenome na fachada do prédio, Warburg se funde àquele lugar. Cria-se uma designação que os identificaria simbolicamente, sendo impossível dissociar o homem da biblioteca.

5 O LEGADO DE ABY WARBURG

Warburg morre em 26 de outubro de 1929 após voltar de uma viagem à Itália. A personalidade de Aby Warburg superou a própria obra, mas isso não impediu que alguns dos mais importantes pensadores encontrassem nesse historiador de arte alemão um precursor de suas próprias investigações. Seu pensamento influenciou a obra de intelectuais como Erwin Panofsky, Ernst Gombrich, Frances Yates, Edgar Wind, Ernst Cassirer, Walter Benjamin, Ernst Curtius, Carlo Ginzburg, Paolo Rossi, Georges Didi-Huberman, entre outros.

Muitos discípulos de Warburg frequentaram e escreveram suas principais obras durante a permanência na KBW. A título de exemplo temos Ernst Gombrich, que ingressou no Instituto Warburg em 1936 como assistente de pesquisa e, em 1959, se torna diretor da instituição. No ano de 1981, publica a biografia de seu mentor, *Aby Warburg: eine intellektuelle Biographie*, onde relata detalhes da particularidade de Aby, bem como sua vida de pesquisador e fundador de uma importante biblioteca e centro de pesquisas.

Cassirer, outro seguidor, escreveu sua obra mais importante, *Filosofia das formas simbólicas*, na KBW. No prefácio do segundo volume da obra (1924), Cassirer se refere mais abertamente à sua dívida para com Warburg (ou sua biblioteca) dizendo

Não foi apenas uma documentação quase incomparável por sua riqueza e sua natureza que encontrei aqui, nos domínios da mitologia e da história geral das religiões; a organização e a classificação desse material, a marca espiritual que lhe dera Warburg, o relacionavam com um problema único e central, que estava muito próximo do problema que orientava meu trabalho. Essa convergência não cessou de me encorajar a avançar no caminho assim traçado (SETTIS, 2010, p. 112).

E ainda

A imagem desse homem se impôs a mim muito antes que o conhecesse. Eu poderia dizer que fiquei quase esmagado quando, há mais de oito anos, atravessei pela primeira vez – guiado por meu amigo Fritz Saxl – as salas cheias de livros da Biblioteca Warburg. Experimentei então como que um golpe, que provocou em mim uma profunda ressonância interior: nessas fileiras de livros que pareciam intermináveis, que enchiam toda a velha casa até em seus cantos mais afastados, não se manifestavam nem a paciência diligente do bibliófilo-colecionador, nem o trabalho assíduo do puro erudito. Essa cadeia ininterrupta de livros me parecia como que envolvida pelo sopro de um mágico, que pairava sobre ela como em virtude de uma lei prodigiosa. E, quanto mais eu penetrava no sentido oculto dessa biblioteca, tanto mais essa primeira impressão se reforçava, se confirmava. Da sequência de livros emergia, de forma cada vez mais clara, uma série de imagens, temas e ideias originais, e, por trás de sua complexidade, eu acabava vendo se destacar a figura clara e dominante do homem que construíra essa biblioteca, sua personalidade de pesquisador destinada a uma influência profunda (SETTIS, 2010, p.113).

Irwin Panofsky, um dos mais importantes historiadores da arte do século XX, também publica seus *Estudos de Iconologia*, livro de importância estratégica para os herdeiros warburguiano, após frequentar a instituição.

Fora do campo estrito da história da arte, um dos primeiros historiadores a resgatar a atualidade do pensamento de Warburg foi Carlo Ginzburg, com o ensaio *De A. Warburg a E. H. Gombrich: notas sobre um problema de método*, por ocasião da publicação em italiano de textos do autor. Do mesmo modo que Panofsky, Ginzburg concebe o texto durante uma temporada na KBW.

Michel Foucault, em *As Palavras e as Coisas* (2007), deixa-se influenciar e revela seu viés warburguiano ao escrever sobre cultura, linguagem, códigos ordenadores e espaços de representação.

O filósofo Giorgio Agamben e o historiador de arte Georges Didi-Huberman encontram, em Warburg, um precursor de seus próprios trabalhos.

Didi-Huberman, detecta nas obras do pensador alemão a potência da memória coletiva expressa na arte e defende que a maior contribuição de Warburg reside na criação, no âmbito da história da arte, de uma teoria própria

da evolução, capaz de reconhecer temporalidades específicas do mundo da cultura. *A imagem sobrevivente* é o seu principal estudo monográfico e o aprofundamento mais completo sobre a originalidade e a importância da abordagem warburguiana.

Mais recentemente, em 2013, Philippe-Alain Michaud escreve *Aby Warburg e a imagem em movimento*, obra que estabelece relações entre as técnicas de reprodução das obras de arte, a iconologia e o universo das representações.

O interesse crescente pelo trabalho de Warburg faz de sua obra uma possibilidade de redefinir paradigmas, ampliando as fronteiras disciplinares entre história da arte, ciência e cultura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Warburg desperta um fascínio naqueles que se deixam enredar pelo seu modo de ver o mundo. Para que isso aconteça, dois locais fundamentais têm a tarefa de disseminar o espólio warburguiano – Warburg Haus¹³ e Warburg Institut¹⁴.

A Warburg Haus, primeira sede da KBW em Hamburgo, hoje é um centro de estudos dedicado a coordenar a edição das obras completas do autor, dando continuidade ao trabalho de seu idealizador. O prédio foi adquirido pela cidade e restaurado segundo os planos de origem. A casa e sua biblioteca resistiram ao tempo e ainda acolhem visitantes de todo mundo.

Além dela, há ainda o Warburg Institute, centro de pesquisas vinculado à Universidade de Londres, cujo foco é o estudo da influência da Antiguidade Clássica sobre a civilização.

Uma característica marcante do instituto é a sua abertura disciplinar, o que o torna um centro de referência para a pesquisa e investigação nas ciências sociais, humanidades e elementos ligados à superstição, à irracionalidade e à emoção permitindo uma maior compreensão das formas de transmissão cultural. O arquivo do instituto também é responsável por cerca de dez mil documentos de trabalho e correspondências privadas de Ernst Gombrich.

Não obstante ser considerado um dos principais centros de referência nos estudos sobre a antiguidade, o Warburg Institute passou por dificuldades de gestão, estando próximo de perder o espaço dentro da Faculdade de Estudos Avançados na Universidade de Londres. Uma petição online assinada por diversos artistas e intelectuais no início de 2015 pedia que a universidade reavaliasse sua posição em relação ao instituto e firmasse o compromisso de manter o acervo sob sua administração.

No dia 05 de outubro deste ano, a Universidade de Londres e o Instituto Warburg anunciaram um novo acordo sobre a futura gestão do instituto, bem como a escolha de seu novo diretor, o professor David Freedberg¹⁵. O valor

¹³ <http://www.warburg-haus.de/>

¹⁴ <http://warburg.sas.ac.uk/>

¹⁵ Professor do Departamento de História da Arte e Arqueologia, na Columbia University. É conhecido por suas pesquisas sobre arte e psicologia e estudos sobre iconoclastia e censura.

inestimável da Biblioteca Warburg foi reconhecido pelo Banco de Dados de Educação Online (OEdb) ao elegê-la como uma das 25 bibliotecas no mundo que desempenha papel fundamental para a sobrevivência e desenvolvimento de pesquisas no campo da história, filosofia, artes, literatura, ciências e matemática. A KBW se junta a outros grandes nomes incluindo a Biblioteca Britânica, a Biblioteca de Alexandria e a Biblioteca Pública de Nova Iorque.

Na biblioteca de disposição labiríntica, Warburg fez de seus estudos uma tomada de posição diante do mundo através dos vínculos criados entre as disciplinas e os homens. A Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg é, antes de tudo, a metáfora da mente de Warburg, que fazia da própria intensidade intelectual seu verdadeiro modo de estar no mundo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco Antonio de; CRIPPA, Giulia. De Bacon à internet: considerações sobre a organização do conhecimento e a constituição da ciência da informação. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 3, n. 2, p. 109-131, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/viewArticle/3284>>. Acesso em: 05 dez. 2014.
- ANJOS, Liane dos. *Sistemas de classificação do conhecimento na filosofia e na biblioteconomia: uma visão histórico-conceitual crítica com enfoque nos conceitos de classe, categoria e faceta*. 2008. 290 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos teóricos da classificação. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. 22, p.117-139, 2006. Semestral.
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Fundamentos de metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Tópicos)
- GINZBURG, Carlo. *Medo, reverência e terror: quatro ensaios de iconografia política*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- GOMBRICH, Ernst. *Aby Warburg: uma biografia intelectual*. Madrid: Alianza Editorial, 1992.
- GROLIER, E. Classifications as cultural artifacts. In: UNIVERSAL CLASSIFICATION, 1st., jun./jul. 1982, Augsburg. *Subject, analysis and ordering systems*; INTERNATIONAL STUDY CONFERENCE ON CLASSIFICATION RESEARCH, 4th., Jun./Jul.1982, Augsburg. *Proceedings...*; ANNUAL CONFERENCE OF GESELLSCHAFT FÜR KLASSIFIKATION, 6th., jun./jul.1982, Augsburg. *Annals...* Frankfurt : Indeks Verlag, 1982-1983; London: ASLIB, 1982. v. 2, p. 19-34.
- LANGRIDGE, Derek. *Classificação: abordagem para estudantes de biblioteconomia*. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.
- MANGUEL, Alberto. *A biblioteca à noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório publicações e trabalhos científicos*. 7. ed. São Paulo, Atlas 2012.

MICHAUD, Philippe-Alain. *Aby Warburg e a imagem em movimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

PIEIDADE, Maria Antonieta Requião. *Introdução à teoria da classificação*. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

RODRIGUES, José Albertino. *Émile Durkheim: sociologia*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2003.

SETTIS, S. Warburg continuatus: descrição de uma biblioteca. In: BARATIN, M.; CHRISTIAN, J. (Org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro UFRJ, 2000, p. 113-138.

THE WARBURG INSTITUTE. *Library*. Londres, 2014. Disponível em: <<http://warburg.sas.ac.uk/library>>. Acesso em: 25 out. 2015.

WARBURG, Aby. *A renovação da antiguidade pagã: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

THE WARBURG INSTITUTE LIBRARY

3rd FLOOR: ORIENTATION (Continued from 4th Floor)



Warburg Institute, School of Advanced Study
 10, The Warburg Building, 101 Broad Street
 London EC4A 3DF
 Tel: +44 (0)20 7919 1200
 Email: library@warburg.ac.uk

- COMPARATIVE RELIGION**
- BEF General Religion and Science
 - BEF 246- Prayer and Piety
 - BEF 247- Interpretation of Religious Texts
 - BEF 248- Interpretation of Religion
 - BEF 445- Missionary Religion
 - BEF 1000- Sociology of Religion
 - BEF 124- Societies
 - BEF 136- Kinship and Marriage
 - BEF 600- Symbolism
 - BEF 1946- Names
- HELLENIC & SLAVIC RELIGION**
- BEE General
 - BEE 136- Early Texts
 - BEE 137- Herakleitos
- GREEK & ROMAN RELIGION**
- BEF Greek Religion
 - BEF 124- Myth of the Gods
 - BEF 136- Herakleitos
 - BEF 137- Herakleitos
 - BEF 138- Herakleitos
 - BEF 139- Herakleitos
 - BEF 140- Herakleitos
 - BEF 141- Herakleitos
 - BEF 142- Herakleitos
 - BEF 143- Herakleitos
 - BEF 144- Herakleitos
 - BEF 145- Herakleitos
 - BEF 146- Herakleitos
 - BEF 147- Herakleitos
 - BEF 148- Herakleitos
 - BEF 149- Herakleitos
 - BEF 150- Herakleitos
 - BEF 151- Herakleitos
 - BEF 152- Herakleitos
 - BEF 153- Herakleitos
 - BEF 154- Herakleitos
 - BEF 155- Herakleitos
 - BEF 156- Herakleitos
 - BEF 157- Herakleitos
 - BEF 158- Herakleitos
 - BEF 159- Herakleitos
 - BEF 160- Herakleitos
 - BEF 161- Herakleitos
 - BEF 162- Herakleitos
 - BEF 163- Herakleitos
 - BEF 164- Herakleitos
 - BEF 165- Herakleitos
 - BEF 166- Herakleitos
 - BEF 167- Herakleitos
 - BEF 168- Herakleitos
 - BEF 169- Herakleitos
 - BEF 170- Herakleitos
 - BEF 171- Herakleitos
 - BEF 172- Herakleitos
 - BEF 173- Herakleitos
 - BEF 174- Herakleitos
 - BEF 175- Herakleitos
 - BEF 176- Herakleitos
 - BEF 177- Herakleitos
 - BEF 178- Herakleitos
 - BEF 179- Herakleitos
 - BEF 180- Herakleitos
 - BEF 181- Herakleitos
 - BEF 182- Herakleitos
 - BEF 183- Herakleitos
 - BEF 184- Herakleitos
 - BEF 185- Herakleitos
 - BEF 186- Herakleitos
 - BEF 187- Herakleitos
 - BEF 188- Herakleitos
 - BEF 189- Herakleitos
 - BEF 190- Herakleitos
 - BEF 191- Herakleitos
 - BEF 192- Herakleitos
 - BEF 193- Herakleitos
 - BEF 194- Herakleitos
 - BEF 195- Herakleitos
 - BEF 196- Herakleitos
 - BEF 197- Herakleitos
 - BEF 198- Herakleitos
 - BEF 199- Herakleitos
 - BEF 200- Herakleitos
- CHRISTIANITY - TEXTS**
- BCH Concordances, Editions
 - BCH 24- Bible
 - BCH 25- Old Testament
 - BCH 26- New Testament
 - BCH 27- Apocrypha
 - BCH 28- Apocrypha
 - BCH 29- Apocrypha
 - BCH 30- Apocrypha
 - BCH 31- Apocrypha
 - BCH 32- Apocrypha
 - BCH 33- Apocrypha
 - BCH 34- Apocrypha
 - BCH 35- Apocrypha
 - BCH 36- Apocrypha
 - BCH 37- Apocrypha
 - BCH 38- Apocrypha
 - BCH 39- Apocrypha
 - BCH 40- Apocrypha
 - BCH 41- Apocrypha
 - BCH 42- Apocrypha
 - BCH 43- Apocrypha
 - BCH 44- Apocrypha
 - BCH 45- Apocrypha
 - BCH 46- Apocrypha
 - BCH 47- Apocrypha
 - BCH 48- Apocrypha
 - BCH 49- Apocrypha
 - BCH 50- Apocrypha
 - BCH 51- Apocrypha
 - BCH 52- Apocrypha
 - BCH 53- Apocrypha
 - BCH 54- Apocrypha
 - BCH 55- Apocrypha
 - BCH 56- Apocrypha
 - BCH 57- Apocrypha
 - BCH 58- Apocrypha
 - BCH 59- Apocrypha
 - BCH 60- Apocrypha
 - BCH 61- Apocrypha
 - BCH 62- Apocrypha
 - BCH 63- Apocrypha
 - BCH 64- Apocrypha
 - BCH 65- Apocrypha
 - BCH 66- Apocrypha
 - BCH 67- Apocrypha
 - BCH 68- Apocrypha
 - BCH 69- Apocrypha
 - BCH 70- Apocrypha
 - BCH 71- Apocrypha
 - BCH 72- Apocrypha
 - BCH 73- Apocrypha
 - BCH 74- Apocrypha
 - BCH 75- Apocrypha
 - BCH 76- Apocrypha
 - BCH 77- Apocrypha
 - BCH 78- Apocrypha
 - BCH 79- Apocrypha
 - BCH 80- Apocrypha
 - BCH 81- Apocrypha
 - BCH 82- Apocrypha
 - BCH 83- Apocrypha
 - BCH 84- Apocrypha
 - BCH 85- Apocrypha
 - BCH 86- Apocrypha
 - BCH 87- Apocrypha
 - BCH 88- Apocrypha
 - BCH 89- Apocrypha
 - BCH 90- Apocrypha
 - BCH 91- Apocrypha
 - BCH 92- Apocrypha
 - BCH 93- Apocrypha
 - BCH 94- Apocrypha
 - BCH 95- Apocrypha
 - BCH 96- Apocrypha
 - BCH 97- Apocrypha
 - BCH 98- Apocrypha
 - BCH 99- Apocrypha
 - BCH 100- Apocrypha
 - BCH 101- Apocrypha
 - BCH 102- Apocrypha
 - BCH 103- Apocrypha
 - BCH 104- Apocrypha
 - BCH 105- Apocrypha
 - BCH 106- Apocrypha
 - BCH 107- Apocrypha
 - BCH 108- Apocrypha
 - BCH 109- Apocrypha
 - BCH 110- Apocrypha
 - BCH 111- Apocrypha
 - BCH 112- Apocrypha
 - BCH 113- Apocrypha
 - BCH 114- Apocrypha
 - BCH 115- Apocrypha
 - BCH 116- Apocrypha
 - BCH 117- Apocrypha
 - BCH 118- Apocrypha
 - BCH 119- Apocrypha
 - BCH 120- Apocrypha
 - BCH 121- Apocrypha
 - BCH 122- Apocrypha
 - BCH 123- Apocrypha
 - BCH 124- Apocrypha
 - BCH 125- Apocrypha
 - BCH 126- Apocrypha
 - BCH 127- Apocrypha
 - BCH 128- Apocrypha
 - BCH 129- Apocrypha
 - BCH 130- Apocrypha
 - BCH 131- Apocrypha
 - BCH 132- Apocrypha
 - BCH 133- Apocrypha
 - BCH 134- Apocrypha
 - BCH 135- Apocrypha
 - BCH 136- Apocrypha
 - BCH 137- Apocrypha
 - BCH 138- Apocrypha
 - BCH 139- Apocrypha
 - BCH 140- Apocrypha
 - BCH 141- Apocrypha
 - BCH 142- Apocrypha
 - BCH 143- Apocrypha
 - BCH 144- Apocrypha
 - BCH 145- Apocrypha
 - BCH 146- Apocrypha
 - BCH 147- Apocrypha
 - BCH 148- Apocrypha
 - BCH 149- Apocrypha
 - BCH 150- Apocrypha
 - BCH 151- Apocrypha
 - BCH 152- Apocrypha
 - BCH 153- Apocrypha
 - BCH 154- Apocrypha
 - BCH 155- Apocrypha
 - BCH 156- Apocrypha
 - BCH 157- Apocrypha
 - BCH 158- Apocrypha
 - BCH 159- Apocrypha
 - BCH 160- Apocrypha
 - BCH 161- Apocrypha
 - BCH 162- Apocrypha
 - BCH 163- Apocrypha
 - BCH 164- Apocrypha
 - BCH 165- Apocrypha
 - BCH 166- Apocrypha
 - BCH 167- Apocrypha
 - BCH 168- Apocrypha
 - BCH 169- Apocrypha
 - BCH 170- Apocrypha
 - BCH 171- Apocrypha
 - BCH 172- Apocrypha
 - BCH 173- Apocrypha
 - BCH 174- Apocrypha
 - BCH 175- Apocrypha
 - BCH 176- Apocrypha
 - BCH 177- Apocrypha
 - BCH 178- Apocrypha
 - BCH 179- Apocrypha
 - BCH 180- Apocrypha
 - BCH 181- Apocrypha
 - BCH 182- Apocrypha
 - BCH 183- Apocrypha
 - BCH 184- Apocrypha
 - BCH 185- Apocrypha
 - BCH 186- Apocrypha
 - BCH 187- Apocrypha
 - BCH 188- Apocrypha
 - BCH 189- Apocrypha
 - BCH 190- Apocrypha
 - BCH 191- Apocrypha
 - BCH 192- Apocrypha
 - BCH 193- Apocrypha
 - BCH 194- Apocrypha
 - BCH 195- Apocrypha
 - BCH 196- Apocrypha
 - BCH 197- Apocrypha
 - BCH 198- Apocrypha
 - BCH 199- Apocrypha
 - BCH 200- Apocrypha

FINDING A BOOK

The first letter of a book indicates the floor on which it is to be found. At the entrance to each floor there is an alphabetical list which gives individual pressmarks are located. This is the only way to find a book promptly since the sequence of pressmarks on the shelves does not follow the order of the alphabet.



The categories of Action, Orientation, Word, Image, constitute the main divisions of the Warburg Institute Library and encapsulate its aim: to study the survival and transformation of ancient patterns in social customs and political institutions (Action, 4th floor); the gradual transition, in Western thought, from magical beliefs to religion, philosophy and science (Orientation, 3rd & 4th floor); the persistence of motifs and forms in Western languages and literatures (Word, 2nd floor) and the tenacity of symbols and images in European art and architecture (Image, 1st floor).

THE WARBURG INSTITUTE LIBRARY 4th FLOOR: ACTION - ORIENTATION

ACTION : CULTURAL & POLITICAL HISTORY

PSYCHOLOGY	PHILOSOPHY	THEATRE	TECHNOLOGY	ETHNOLOGY	RELIGIOUS HISTORY	NATIVE AMERICANS	HISTORY OF MEDICINE	PHYSICS
D1F General 214- History of Psychology 215- Child Psychology 216- Gestalt Psychology 217- Psychoanalysis 218- Experimental Psychology 219- Theoretical Psychology 220- Theoretical Psychology 221- Theoretical Psychology 222- Theoretical Psychology 223- Theoretical Psychology 224- Theoretical Psychology 225- Theoretical Psychology 226- Theoretical Psychology 227- Theoretical Psychology 228- Theoretical Psychology 229- Theoretical Psychology 230- Theoretical Psychology	D1H General 231- History of Philosophy 232- History of Philosophy 233- History of Philosophy 234- History of Philosophy 235- History of Philosophy 236- History of Philosophy 237- History of Philosophy 238- History of Philosophy 239- History of Philosophy 240- History of Philosophy 241- History of Philosophy 242- History of Philosophy 243- History of Philosophy 244- History of Philosophy 245- History of Philosophy 246- History of Philosophy 247- History of Philosophy 248- History of Philosophy 249- History of Philosophy 250- History of Philosophy	D1I General 251- History of Theatre 252- History of Theatre 253- History of Theatre 254- History of Theatre 255- History of Theatre 256- History of Theatre 257- History of Theatre 258- History of Theatre 259- History of Theatre 260- History of Theatre 261- History of Theatre 262- History of Theatre 263- History of Theatre 264- History of Theatre 265- History of Theatre 266- History of Theatre 267- History of Theatre 268- History of Theatre 269- History of Theatre 270- History of Theatre	D1J General 271- History of Technology 272- History of Technology 273- History of Technology 274- History of Technology 275- History of Technology 276- History of Technology 277- History of Technology 278- History of Technology 279- History of Technology 280- History of Technology 281- History of Technology 282- History of Technology 283- History of Technology 284- History of Technology 285- History of Technology 286- History of Technology 287- History of Technology 288- History of Technology 289- History of Technology 290- History of Technology	D1K General 291- History of Ethnology 292- History of Ethnology 293- History of Ethnology 294- History of Ethnology 295- History of Ethnology 296- History of Ethnology 297- History of Ethnology 298- History of Ethnology 299- History of Ethnology 300- History of Ethnology 301- History of Ethnology 302- History of Ethnology 303- History of Ethnology 304- History of Ethnology 305- History of Ethnology 306- History of Ethnology 307- History of Ethnology 308- History of Ethnology 309- History of Ethnology 310- History of Ethnology	D1L General 311- History of Religious History 312- History of Religious History 313- History of Religious History 314- History of Religious History 315- History of Religious History 316- History of Religious History 317- History of Religious History 318- History of Religious History 319- History of Religious History 320- History of Religious History 321- History of Religious History 322- History of Religious History 323- History of Religious History 324- History of Religious History 325- History of Religious History 326- History of Religious History 327- History of Religious History 328- History of Religious History 329- History of Religious History 330- History of Religious History	D1M General 331- History of Native Americans 332- History of Native Americans 333- History of Native Americans 334- History of Native Americans 335- History of Native Americans 336- History of Native Americans 337- History of Native Americans 338- History of Native Americans 339- History of Native Americans 340- History of Native Americans 341- History of Native Americans 342- History of Native Americans 343- History of Native Americans 344- History of Native Americans 345- History of Native Americans 346- History of Native Americans 347- History of Native Americans 348- History of Native Americans 349- History of Native Americans 350- History of Native Americans	D1N General 351- History of Medicine 352- History of Medicine 353- History of Medicine 354- History of Medicine 355- History of Medicine 356- History of Medicine 357- History of Medicine 358- History of Medicine 359- History of Medicine 360- History of Medicine 361- History of Medicine 362- History of Medicine 363- History of Medicine 364- History of Medicine 365- History of Medicine 366- History of Medicine 367- History of Medicine 368- History of Medicine 369- History of Medicine 370- History of Medicine	D1O General 371- History of Physics 372- History of Physics 373- History of Physics 374- History of Physics 375- History of Physics 376- History of Physics 377- History of Physics 378- History of Physics 379- History of Physics 380- History of Physics 381- History of Physics 382- History of Physics 383- History of Physics 384- History of Physics 385- History of Physics 386- History of Physics 387- History of Physics 388- History of Physics 389- History of Physics 390- History of Physics

ORIENTATION : MAGIC & SCIENCE

FINDING A BOOK

The first letter of the premarks of a book indicates the floor on which it is to be found. At the entrance to each floor there is an alphabetical list which gives the key number on which individual premarks are based. This is the only way to find a book promptly use the sequence of premarks on the shelves does not follow the order of the alphabet.

The categories of Action, Orientation, Word, Image, constitute the main divisions of the Warburg Institute Library and encapsulate its aim: to study the survival and transformation of ancient patterns in social customs and political institutions (Action, 4th floor); the gradual transition, in Western thought, from magical beliefs to religion, philosophy and science (Orientation, 2nd & 4th floor); the persistence of motifs and forms in Western languages and literatures (Word, 2nd floor) and the tenacity of symbols and images in European art and architecture (Image, 1st floor).



Continued on Page 57